

NARRATIVAS DO TRAUMA E DA MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE “CARTA A VICKI” E “CARTA A MEUS AMIGOS”, DE RODOLFO WALSH

Letícia Malloy¹

Resumo: Este ensaio apresenta reflexões sobre “Antígona”, de Sófocles, e subsequentes exercícios de comparação entre a tragédia grega e duas epístolas que marcaram a história política recente da Argentina. Trata-se de duas das cartas escritas por Rodolfo Walsh em 1976, no contexto de uma ditadura militar naquele país: “Carta a Vicki” e “Carta a meus amigos”. A análise dos textos mencionados concentra-se no modo como o trauma e a memória se manifestam na narrativa de Rodolfo Walsh.

Palavras-chave: trauma, memória, narrativa de testemunho.

Abstract: This essay presents reflections on *Antigone*, by Sophocles, as well as subsequent comparisons between such Greek tragedy and two epistles of paramount importance in the context of Argentina’s recent political history. The letters known as “Letter to Vicky” and “Letter to my friends” were written by Rodolfo Walsh in 1976, during a military dictatorship. The analysis of the texts above mentioned focuses on how the issues of trauma and memory are portrayed in Walsh’s narrative.

Keywords: trauma, memory, testimonial narrative.

ISMÊNIA

Infeliz! Apesar da proibição de Creonte?

ANTÍGONE

Ele não tem o direito de me coagir a abandonar os meus.

(Sófocles, 2005, p. 8)

“Antígona”, última tragédia da trilogia tebana, é frequentemente discutida nos estudos de Teoria Geral do Direito e de Filosofia do Direito. O texto de Sófocles ganha vigor a cada ciclo de leitura, quando olhos atentos acompanham, linha após linha, o clamor de Antígona pela aplicação do que pode ser denominado *direito natural* em contraposição a um *direito positivo*. Antígona baseia-se em valores atemporais e inatos a cada ser humano na

* Registro meu agradecimento à Professora Doutora Graciela Foglia, que a mim disponibilizou rico material sobre a vida e a obra de Rodolfo Walsh.

¹ Bacharela em Direito e Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit) da Faculdade de Letras da UFMG. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

tentativa de proceder ao enterro de seu irmão. A filha de Édipo recorre às normas postas pelos deuses para desobedecer ao édito do déspota Creonte, que havia proibido o culto ao corpo de Polinice.

A protagonista da tragédia, desse modo, questiona a historicidade do preceito normativo aprovado por um tirano e denuncia a dissonância da norma em face de pressupostos axiológicos ditados por divindades. Verifica-se, na fala de Antígona, o embate entre a justiça – representada pela deusa Dike – e a lei:

CREONTE

E apesar disso, tiveste a audácia de desobedecer a essa determinação?

ANTÍGONE

Sim, porque não foi Júpiter que a promulgou; e a Justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas, jamais estabeleceu tal decreto entre os humanos; nem eu creio que teu édito tenha força bastante para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, que nunca foram escritas, mas são irrevogáveis; não existem a partir de ontem, ou de hoje; são eternas, sim! E ninguém sabe desde quando vigoram! – Tais decretos, eu, que não temo o poder de homem algum, posso violar sem que por isso me venham a punir os deuses! Que vou morrer, eu bem sei; é inevitável; e morreria mesmo sem a tua proclamação. E, se morrer antes do meu tempo, isso será, para mim, uma vantagem, devo dizê-lo! Quem vive, como eu, no meio de tão ltuosas desgraças, que perde com a morte? (Sófocles, 2005, p. 30-31)

Ainda que hoje seja refutada a tese da existência de leis naturais das quais todos os homens são titulares, não se pode afastar a relevância das discussões suscitadas por “Antígona”. Tampouco é possível deixar à margem a importância que o direito natural, segundo Miguel Reale,

tem exercido e continua exercendo no desenvolvimento da experiência jurídica, atuando ora como força revolucionária [por exemplo, durante a Revolução Francesa], ora como fator de declarado conservantismo [como em algumas normas do direito canônico], tal a paradoxal pluralidade de seu significado. (Reale, 1996, p. 307-308)

No âmbito dos estudos sobre imagem e memória, “Antígona” também oferece possibilidades de reflexão sobre a reação da testemunha diante de um evento traumático; sobre o questionamento da legitimidade de

regimes autoritários; sobre o conflito entre tais regimes e valores caros à condição humana – como a dignidade –, atacados pelo arbítrio, pelo excesso ou pelo desvio de poder; sobre o embate entre memória oficial – que, na tragédia em questão, exalta Etéocles e tenta aniquilar Polinice – e memória familiar etc.

As possibilidades de discussão semeadas por “Antígona” podem ser utilizadas como exercício para analisar duas epístolas que marcaram a recente história política da Argentina. Trata-se de duas das cartas escritas por Rodolfo Walsh em 1976, no contexto de uma ditadura militar naquele país: “Carta a Vicki” e “Carta a meus amigos”. Antes de iniciar o exercício de análise ora proposto, considera-se necessário apresentar breves informações sobre Rodolfo Walsh que, embora tenha notoriedade na Argentina, é menos conhecido no Brasil.

Rodolfo Walsh nasceu em 1927 na Província de Rio Negro, localizada na Patagônia argentina. De ascendência irlandesa, Walsh recebeu a educação formal em instituições de ensino católicas. Aos dezessete anos, começou a trabalhar na editora Hachette, exercendo as funções de corretor de provas, tradutor e antologista. Ao mesmo tempo, o jovem divulgava seu trabalho de contista em outras publicações. Sua proximidade com o periodismo e com a literatura, desde cedo, foram determinantes para forjar o estilo de seus trabalhos. Exemplo disso é o romance “Operação Massacre”, escrito pelo jornalista e escritor em 1956. Talvez seja razoável afirmar que o ofício de Rodolfo Walsh encontra, em “Operação Massacre”, sua expressão maior.

Embora tal romance não seja objeto de exame deste ensaio, vale fazer uma breve referência à motivação de sua escrita e a seu enredo. A obra possui como ponto de partida a “Revolução Libertadora” de 1956, que depôs Juan Domingo Perón. Como consequência daquela Revolução, doze pessoas foram sequestradas e fuziladas sumariamente. O ato de terrorismo de Estado despertou a atenção de Walsh especialmente porque, certa noite, chegou a seus ouvidos a notícia de que um dos doze sequestrados teria sobrevivido. A existência de um sobrevivente da barbárie serviu como ponto de partida para que Walsh se dedicasse a investigações sobre a noite do fuzilamento e organizasse as informações coletadas sob a forma de um romance policial.

“Operação Massacre” afigura-se como um divisor de águas na escrita de Walsh. Graciela Foglia destaca as palavras do próprio escritor: “Operación masacre cambió mi vida. Haciéndola comprendí que además de mis perplejidades íntimas, existía un amenazante mundo exterior.” (2005, p. 17) Foglia observa, ainda, que

En cuanto a las diferencias, se puede decir que si en los primeros textos la intervención de la policía y la resolución del enigma permiten restablecer el orden perdido, o sea, restablecer la vigencia de la ley, en los cuentos posteriores a Operación masacre (más próximos al policial negro, incluyen la saga del comisario Laurenzi) esto ya no ocurre. Walsh pasa de crear policías ‘simpáticos’ (casi oprimidos por la sociedad) y asesinos ‘convictos’, a crear policías y asesinos ‘angustiados’, llenos de dudas y culpas. (2005, p. 16-17)

A biografia de Rodolfo Walsh é rica e complexa, o que justificaria a elaboração de um texto à parte. A título ilustrativo, destaca-se o período em que o argentino viveu em Cuba (1959 a 1961), onde participou da criação da agência de notícias “Prensa Latina”. Graciela Foglia destaca certa narrativa de Gabriel García Márquez sobre um episódio vivido por Walsh na ilha cubana:

En realidad fue Rodolfo Walsh quien descubrió desde muchos meses antes que los Estados Unidos estaban entrenando exiliados cubanos en Guatemala para invadir Cuba por Playa Girón en abril de 1961. Walsh era en esa época el jefe de Servicios Especiales de Prensa Latina, en la oficina central de La Habana. Su compatriota, Jorge Ricardo Masetti, que era el fundador y director de la agencia, había instalado una sala especial de teletipos para captar y luego analizar en juntas de redacción el material informativo de las agencias rivales. Una noche, por un accidente mecánico, Masetti se encontró en su oficina con un rollo de teletipo que no tenía noticias sino un mensaje muy largo en clave intrincada. Era en realidad un despacho de tráfico comercial de la “Tropical Cable” de Guatemala. Rodolfo Walsh, que por cierto repudiaba en secreto sus antiguos cuentos policiales, se empeñó en descifrar el mensaje con ayuda de unos manuales de criptografía recreativa que compró en una librería de lance de La Habana. Lo consiguió al cabo de muchas horas insomne sin haberlo hecho nunca y sin ningún entrenamiento en la materia, y lo que encontró dentro no fue sólo una noticia sensacional para un periodista militante, sino una información providencial para el gobierno revolucionario de Cuba. El cable estaba dirigido a Washington por el jefe de la CIA en Guatemala, adscripto al personal de la embajada de Estados Unidos en ese país y era un informe minucioso de los preparativos de un desembarco en Cuba por cuenta del gobierno norteamericano. Se revelaba,

inclusive, el lugar donde empezaban a prepararse los reclutas... (García Márquez, 1994, p. 313-314 *apud* Foglia, 2005, p. 18)

Para cumprir os propósitos deste texto, passa-se ao ano de 1976. Nessa época, uma Junta Militar ascendeu ao poder na Argentina pela via do golpe. Rodolfo Walsh e sua filha, María Victoria Walsh, juntaram-se então à organização político-militar dos Montoneros, que almejava o retorno de Perón ao poder e o subsequente estabelecimento do socialismo na Argentina. A participação de Rodolfo Walsh no grupo de guerrilha urbana caracterizou-se por sua tensão, no âmbito intelectual, entre um Walsh autor de narrativas ficcionais e outro, participante da militância política e em desacordo com a crescente militarização dos Montoneros. (Pesce *apud* Foglia, 2005, p. 27)

Em 29 de setembro de 1976, María Victoria Walsh morreu em combate com as forças militares argentinas. Em face desse evento traumático, Rodolfo Walsh escreveu a denominada “Carta a Vicki”, composta de duas partes: a primeira delas é datada de 01 de outubro de 1976; a segunda, de 05 de outubro de 1976. Três meses após a morte de sua filha, Walsh escreveu a “Carta a meus amigos”, na qual descreve as circunstâncias que determinaram o último dia de vida de Vicki e a opção desta pela luta armada.

A elaboração de “Carta a Vicki” e “Carta a meus amigos” apresenta uma particularidade em relação a outras narrativas de testemunho.² Tal particularidade reside em que Rodolfo Walsh não escreveu na qualidade de sobrevivente de um regime opressor já extinto. Ao contrário, as cartas referidas foram redigidas enquanto Walsh vivia a experiência da clandestinidade e da violência de Estado imposta pelo governo ditatorial argentino. À semelhança de Antígona, Rodolfo Walsh reagiu ao acontecimento traumático sob o imperativo da urgência. No caso de Antígona, cumpria-lhe zelar para que o corpo de Polinice recebesse os ritos fúnebres e fosse coberto pela terra, para que saísse do alcance de cães e aves. No caso de Walsh, o culto à filha morta e a passagem pelo processo de luto não poderiam ser adiados porque o intelectual

² Rodolfo Walsh é aqui considerado testemunha secundária da morte da filha. Embora não tenha presenciado a morte de Vicki, Walsh ouviu um vívido relato do ocorrido.

estava ciente de que a morte, naquele contexto histórico-político, também poderia vir a seu encontro a qualquer momento.³

Enquanto Antígona se apressou para cobrir de pó o corpo do irmão, Walsh escreveu “Carta a Vicki” no mesmo dia em que recebera a notícia da morte da filha. O ato de escrita e a necessidade de expressar-se sobre o evento traumático não foram mediados por um intervalo temporal de recolhimento daquele pai. Rodolfo Walsh, dessa maneira, foi de encontro à fase de silêncio, evitando aquilo que Nicolas Abraham e Maria Torok denominam “memória encriptada”. Sob a perspectiva de Abraham e Torok, o trauma seria seguido de um processo de “decantação topográfica – em termos de psique – das recordações, que são como que enterradas vivas” ou estancadas temporariamente, o que não ocorre no caso em exame. (Abraham; Torok *apud* Seligmann-Silva, 2005, p. 69)

Por outro lado, é possível verificar uma distância abismal entre a manifestação formal de dor da personagem Antígona e a de Rodolfo Walsh em “Carta a Vicki”. Pode-se atribuir tal diferença aos gêneros por meio dos quais uma e outra figura se expressam. Sófocles dá voz a Antígona em um texto trágico, espaço propício a que a personagem se apresente de forma astuta e perspicaz. O discurso de Antígona em face de Ismênia – sua irmã –, de Creonte e dos anciãos de Tebas é articulado, provocativo e lógico. Antígona, a pouco e pouco, parece elevar-se ao *status* de porta-voz das leis naturais postas pelos deuses e personifica um sentido de justiça diante das decisões de um tirano.

Rodolfo Walsh, a seu turno, manifesta-se a partir da linguagem escrita e do gênero epistolar. A escolha da carta enquanto forma permite, àquele que a escreve, a adoção de um tom intimista e não exige um alto nível de articulação discursiva – se comparada ao modelo clássico da tragédia.

³ O corpo de Rodolfo Walsh chegou, em 25 de março de 1977, às instalações da Escuela de Mecánica de la Armada – um centro de torturas –, que hoje abriga o Museo de la Memoria. Àquela data, Walsh havia caído em uma emboscada empreendida pelas forças militares, e foi alvejado após utilizar uma arma calibre 22 contra seus agressores. No mês de sua morte, Walsh endereçou, às imprensas argentina e estrangeira, a “Carta Aberta a Junta Militar”, na qual fez uma lúcida e perspicaz avaliação do primeiro ano daquele governo totalitário. Um envelope com a carta à Junta Militar chegou à redação de *Versus*, periódico brasileiro. Naquele período, somente *Versus* publicou a carta de Walsh no Brasil, segundo afirmação de Omar L. de Barros Filho. Cf. <http://www.versus.jor.br/19_a_carta_da_morte.php>. Acesso em 29 jun 2011.

Pode-se aventar a possibilidade de que Walsh, ao redigir a “Carta a Vicki”, tenha imaginado que a destinatária não seria apenas sua filha morta. Com efeito, a carta ganhou um número indeterminado de destinatários. Entretanto, aquele pai, receptor de uma notícia trágica, permitiu-se expressar de modo fragmentado, desarticulado e não linear. Em orações curtas, Rodolfo Walsh relata a Vicki o momento em que recebera a notícia de sua morte. No breve texto que compõe a primeira parte da carta, nota-se a falta de linearidade entre as imagens construídas a cada sentença. O leitor tem acesso a um Rodolfo Walsh atormentado, que se benze, dá por concluída uma reunião e, em um salto quase paradoxal, passa a consolar a filha e a celebrar sua vida e sua morte, como se com Vicki estivesse a dialogar.

A maior parte do primeiro fragmento de “Carta a Vicki” é caracterizada pela tendência à “literalização” e à “fragmentação”. (Seligmann-Silva, 2005, p. 85) As imagens construídas correspondem aos instantes de desolação vividos pelo pai, sem que tenham sido percorridos os caminhos da abstração e da utilização de metáforas.⁴ Se Antígona reclamou a realização dos ritos fúnebres para o corpo de seu irmão, Walsh encontrava-se ciente de tal impossibilidade no que toca ao corpo da filha: “No podré despedirme, vos sabés por qué. Nosotros morimos perseguidos, en la oscuridad. El verdadero cementerio es la memoria. Ahí te guardo, te acuno, te celebro y quizá te envidio, querida mía.” (Walsh *apud* Foglia, 2009, p. 57)

É possível que a referência à memória enquanto cemitério, isto é, enquanto repositório e lugar de culto, tenha sido utilizada em sentido amplo. Afirma-se, com isso, que tal concepção de memória vai além das recordações de Rodolfo Walsh. O registro escrito da morte de Vicki afigura-se como uma forma de perpetuar lembranças da luta e da morte de María Victoria Walsh. Sob tal perspectiva, a divulgação clandestina de “Carta a Vicki” remete a montonera, em um primeiro estágio, à ocupação de um espaço na memória coletiva. Em um segundo momento, correspondente ao processo de

⁴ Rodolfo Walsh afasta sua escrita da tendência à literalização no trecho final da primeira parte da “Carta a Vicki” e utiliza a palavra “cementerio” como metáfora da memória. A passagem encontra-se citada neste ensaio.

democratização argentino e aos exames dos arquivos da ditadura, a epístola propicia a Vicki, também, um lugar na “memória oficial”. (Pollak, 1989, p. 3-15)

O segundo fragmento de “Carta a Vicki”, datado de 05 de outubro (de 1976), apresenta implicações decorrentes de um curto distanciamento temporal, equivalente aos quatro dias posteriores à notícia do evento traumático. Nesse trecho, a escrita de Walsh é menos fragmentada e, também, menos direta. As palavras dirigidas à filha ausente são contemporizadas pela observação inicial: “Hablé con tu mamá. Está orgullosa en su dolor, segura de haber entendido tu corta, dura, maravillosa vida.” Graciela Foglia resalta que o emprego do adjetivo “orgullosa” compromete a “verossimilhança” do segundo fragmento da carta e parece ter a finalidade de oferecer consolo à destinatária ausente. (2009, p. 51) Há, em tal trecho, uma menor preocupação com aspectos descritivos e uma tentativa de reiterar, no lamento de Walsh, que as escolhas e a vida de María Victoria valeram a pena.

Nas sentenças finais do segundo fragmento de “Carta a Vicki”, Walsh menciona seu sofrimento e o desejo da anestesia por meio do sono: “Hoy en el tren un hombre decía: -Sufro mucho. Quisiera acostarme a dormir y despertarme dentro de un año. Hablaba por él, pero también por mi.” (Walsh *apud* Foglia, 2009, p. 51) Essa passagem aponta para aquela tendência verificada por Abraham e Torok, citada acima: há uma vontade de encriptar o trauma e escondê-lo em algum meandro da memória, a fim de evitar ou adiar o sofrimento. Se Walsh dá uma olhadela para as opções do entorpecimento e do alheamento, em seguida, rejeita-as. Caminhando em sentido oposto à tendência de envolver o trauma em uma espécie de casulo, Walsh traz a dor à superfície e, além de narrar o evento traumático em “Carta a meus amigos”, acaba por viver – ou por obrigar-se a viver – a experiência do luto.

Três meses após a morte de María Victoria, Rodolfo Walsh redigiu a “Carta a meus amigos”. Na introdução do texto, Walsh agradece aos conhecidos que choraram por Vicki e afirma que explicará como e por que sua filha havia morrido. Como já observado, Walsh escreveu “Carta a meus amigos” na qualidade de testemunha secundária, ou seja, de alguém que não presenciou a morte de Vicki, tendo apenas ouvido relatos do evento. Às informações sobre os últimos momentos de María Victoria, Walsh misturou

lembranças – como o hábito da filha de usar camisas largas – e justificativas referentes às atitudes de Vicki durante o derradeiro combate – as risadas da filha, por exemplo, cada vez que esta utilizava a arma contra as forças militares argentinas. A construção da narrativa de Walsh assemelha-se ao que Italo Calvino denomina “memória da imaginação”. (2000, p. 75) Por meio dessa memória da imaginação, Walsh elaborou uma impactante narrativa imagética sobre o acontecimento não presenciado. Destaca-se uma passagem da “Carta a meus amigos”, a título exemplificativo:

A las 7 del 29 la despertaron los altavoces del Ejército, los primeros tiros. Siguiendo el plan de defensa acordado, subió a la terraza con el Secretario Político Molina, mientras Coronel, Salame y Beltrán respondían al fuego desde la planta baja. He visto la escena con sus ojos: la terraza sobre las casa bajas, el cielo amaneciendo, y el cerco. El cerco de 150 hombres, los FAP emplazados, el tanque. (Walsh *apud* Foglia, 2009, p. 58)

A combinação de relatos, lembranças pessoais e de uma denominada memória da imaginação podem ter acarretado o que Beatriz Sarlo aponta como uma “estetização” da morte. (Sarlo *apud* Foglia, 2009, p. 55) Com efeito, a morte de Vicki e de seus companheiros montoneros é apresentada de forma heroica, corajosa, lúcida e serena. Observa-se, entretanto, que a estetização do acontecimento traumático não diminui ou compromete a validade do testemunho de Rodolfo Walsh, que pode ser localizado

no vértice entre a literatura e a historiografia. (...) Sua ligação [do testemunho] com as artes o qualifica para a apresentação do único, mas é também no testemunho que este singular encontra refúgio, diante de uma historiografia voltada para tipificações de épocas e grandes períodos, ou para as ‘reduções’ economicistas, nacionalistas etc. (Seligmann-Silva, 2005, p. 93)

Dessa forma, ainda que Walsh não tenha presenciado o combate e o suicídio de Vicki, verifica-se a necessidade de relembrar e de construir imagens acerca daqueles eventos. Como lembra Susan Sontag, “recordar é um ato ético, tem um valor ético em si mesmo e por si mesmo. A memória é, de forma dolorosa, a única relação que podemos ter com os mortos.” (2003, p. 96) Além do exercício de relembrar e relatar, Graciela Foglia aponta outra finalidade a “Carta a meus amigos”: a epístola parece ser uma tentativa de

afastar, dos militantes revolucionários, o *status* de vítimas, bem como de enfatizar que a escolha de Vicki e de todos os que com ela morreram foi a mais justa e a mais ponderada. (2009, p. 55)

Vicki e Antígona dialogam no que toca à opção pela morte. Enquanto Vicki enfrenta a violência das forças militares argentinas, Antígona enfrenta a fúria de Creonte, e ambas afirmam que a morte é melhor que a submissão à tirania. Dirigindo-se a Creonte, Antígona o questiona sobre a ocorrência de sua própria morte:

Por que demoras, pois? Em tuas palavras tudo me causa horror, e assim seja sempre! Também todos os meus atos te serão odiosos! Que maior glória posso eu pretender, do que a de repousar no túmulo de meu irmão? Estes homens (*indica o coro*) confessariam que aprovam o que eu fiz, se o terror não lhes tolhesse a língua! Mas, um dos privilégios da tirania consiste em dizer, e fazer, o que quiser. (Sófocles, 2005, p. 33)

A opção pela morte também é feita por María Victoria, consoante passagem de “Carta a meus amigos”:

A los camiones y el tanque se sumó un helicóptero que giraba alrededor de la terraza, contenido por el fuego. -De pronto – dice el soldado- hubo un silencio. La muchacha dejó la metralleta, se asomó de pie sobre el parapeto y abrió los brazos. Dejamos de tirar sin que nadie lo ordenara y pudimos verla bien. Era flaquita, tenía el pelo corto y estaba en camisón. *Empezó a hablarnos en voz alta pero muy tranquila. No recuerdo todo lo que dijo. Pero recuerdo la última frase; en realidad no me deja dormir. -Ustedes no nos matan – dijimos nosotros elegimos morir.* Entonces ella y el hombre se llevaron una pistola a la sien y se mataron frente a todos nosotros. (Walsh *apud* Foglia, p. 58) (grifos meus)

Como afirma Seligmann-Silva, a realidade de morte, que caracteriza a experiência histórica do século XX, “é gritante na mesma medida em que é emudecida, silenciada, enterrada” (2005, p. 93). Walsh parece provocar uma relação dialética em face da tendência ao silenciamento, porquanto questiona o estado de coisas que o rodeia e escreve sobre as vítimas do terrorismo de Estado a fim de que essas venham à superfície e sejam ouvidas. Não obstante a especificidade apontada por Seligmann-Silva sobre o século XX, observa-se que o exercício de aproximação de Walsh, Vicki e Antígona evidencia temas que, ontem e hoje, agitam o espírito humano.

Se o suicídio de Antígona ao fundo da câmara onde foi aprisionada para morrer é tratado como um ato heroico, cumpre lembrar o sentido atribuído ao suicídio à época da morte de Vicki. A sociedade argentina da década de 1970, à semelhança das demais sociedades latinoamericanas de então, apresentava-se como herdeira de fortes preceitos judaico-cristãos, especialmente aqueles postulados pela Igreja Católica. Dessa herança vem a aversão e a “repulsa moral coletiva” aos suicidas, que encontram raízes em Agostinho de Hipona nos séculos IV e V d.C. (Bahls; Palhares, 2003, p. 27-34) As cartas escritas por Rodolfo Walsh procuraram atribuir ao suicídio de Vicki um sentido diverso daquele encontrado no contexto histórico, cultural e religioso dominante. Aos olhos de Walsh, o suicídio de Vicki não foi uma atitude de covardia. Pelo contrário, tratou-se de uma manifestação intensa e extrema de vida e de liberdade, de heroísmo e de insubordinação à barbárie.

A análise de “Carta a Vicki” e de “Carta a meus amigos” oferece ao leitor sinais da complexidade do homem Rodolfo Walsh. Em meio às experiências do trauma e do luto, Walsh continuou a mostrar uma perspectiva lúcida e até mesmo estratégica dos acontecimentos históricos e políticos de que foi contemporâneo. Seus escritos são, ao mesmo tempo, lamentos e assertivas de alguém que continuou a se comportar como agente no contexto da cidade. Walsh preferiu o discurso e a escrita às armas. Justamente no ato de comunicar-se, Rodolfo Walsh revelou suas potencialidades e apresentou a dignidade de sua condição na medida das limitações impostas pela clandestinidade.⁵ É razoável formular a hipótese de que Walsh estava ciente da dialética que transcende aquele que escreve uma carta: os destinatários de sua mensagem são muitos, dispersos no espaço e no tempo. Ciente, também, da iminência da própria morte, Rodolfo Walsh realizou seus últimos movimentos à

⁵ Segundo Hannah Arendt, na ação e no discurso os homens revelam quem são. Arendt afirma que a ação só é possível em situações de convivência, cessando quando os homens passam a agir uns contra os outros. Cf. ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. pp. 192-193. Não obstante, registra-se aqui, para discussões futuras, a possibilidade de o homem de ação continuar existindo em situações de conflito. Exemplo disso está no fato de Walsh, em seu último mês de vida, apresentar-se à Junta Militar argentina, por meio de uma carta, disposto a expor suas reflexões. Ao encaminhar a “Carta Aberta à Junta Militar”, Walsh, mesmo conhecendo a falta de disposição seus opositores para o diálogo, reivindica a réplica provocada por uma epístola, isto é, reclama a continuidade da ação e do discurso na esfera pública. Por isso, talvez seja razoável admitir a subsistência do sujeito no discurso e na ação mesmo em períodos de exceção ou de guerra.

maneira de um estrategista virtuoso, que sabe que “escrever é modificar a realidade.” (Mathias, 1997, p. 51)

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BAHLS, S. C.; PALHARES, P. A. O suicídio nas civilizações - Uma retomada histórica. In *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. v. 97, n. 84-85. Rio de Janeiro, 2003.

BARROS FILHO, Omar L. de. *A Carta da Morte*. <http://www.versus.jor.br/19_a_carta_da_morte.php> Acesso em 29 jun 2011.

CALVINO, Italo. Lembrança de uma Batalha. In: *O caminho de San Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FOGLIA, Graciela. *Rehacer y resistir: el proceso de escritura de “Operación Masacre” de Rodolfo Walsh*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispanoamericana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras. 2005.

_____. Estetização da morte? Notas sobre “Carta a Vicki” e “Carta a meus amigos”. In: *Revista Cultura Crítica - Violência de Estado. Relatos e Testemunhos*, São Paulo, v. 9, pp. 51-59. 01 mar. 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. In *Colóquio Letras*. n. 143-144. jan-jun. Lisboa, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989. pp. 3-15. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>> Acesso em 08 jul 2009.

REALE, Miguel. *Lições Preliminares de Direito*. 23. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma: um novo paradigma. In *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SÓFOCLES. *Antígone*. Trad. J. B. de Mello e Souza. Versão para eBook. Digitalização do livro em papel. "Clássicos Jackson". vol. XXII. p. 08. 2005. Disponível em <eBooksBrasil.com> Acesso em 15 de julho de 2011.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WALSH, Rodolfo. "Carta a Vicki" e "Carta a meus amigos". In: FOGLIA, G. A. Estetização da morte? Notas sobre "Carta a Vicki" e "Carta a meus amigos". *Revista Cultura Crítica - Violência de Estado. Relatos e Testemunhos*, São Paulo, v. 9, p. 51-59, 01 mar. 2009.